4R1BE

CDD: 583 9509811
583 950446

ALCHORNEA FLUVIATILIS: UMA NOVA EUPHORBIACEAE DA AMAZÔNIA

Ricardo de S. Secco[1]

RESUMO: Uma nova espécie do gênero Alchornea *SW. (Euphorbiaceae) é descrita e ilustrada. A espécie é denominada* Alchornea fluviatilis *R. Secco, caracterizada pelo ovário 3-4-5 locular, estiletes curtos a médios (4-7mm), estames rudimentares no cálice da flor pistilada, inflorescência bissexuada, folhas cartáceas, polimorfas e caducas na floração. São discutidas suas afinidades com* Alchornea discolor *Poepp.*

PALAVRAS-CHAVE: *Alchornea*, Euphorbiaceae da Amazônia, *Alchornea fluviatilis*, *Alchornea discolor*.

ABSTRACT: A new species of the genus *Alchornea* is described and illustrated. The species is named *Alchornea fluviatilis* R. Secco, characterized by ovary 3-4-5-locular, short to medium styles (4-7mm), rudimentar stamens in the calyx of pistilate flower, inflorescence bisexual. The leaves are deciduous polymorphic and chartaceous. Its affinities with *Alchornea discolor* Poepp. are discussed.

KEY WORDS: *Alchornea*, Euphorbiaceae of Amazonia, *Alchornea fluviatilis*, *Alchornea discolor*.

[1] PR/MCT/CNPq - Museu Paraense Emílio Goeldi, Depto. Botânica. Caixa Postal 399, CEP 66017-170 - Belém-PA



INTRODUÇÃO

Como parte de uma revisão do gênero *Alchornea* Sw. (Euphorbiaceae) para o neotrópico, realizando trabalho de campo na Serra dos Carajás (Pará), no rio Pindaré (Maranhão) e em Macapá (Amapá), conjuntamente com estudo de coleções herborizadas depositadas nos herbários CAY, IAN, INPA, F, K, MG, NY, R, RB e SP, incluindo alguns tipos, encontramos algumas amostras distintas das demais espécies já descritas para o "taxon" acima referido, por apresentarem o ovário 3-4-5-locular e o sistema sexual monóico, ao lado de outras características que serão apresentadas mais adiante (Tabela 1).

Após minuciosa pesquisa bibliográfica, verificamos que as referidas amostras constituiam uma espécie nova, já que o caráter ovário 3-4-5-locular, em uma mesma espécie, ligado a monoicismo, representa uma situação incomum para as *Alchornea* da região neotropical, considerando-se a morfologia das demais espécies já descritas para o gênero.

As espécies de *Alchornea* são caracterizadas pelo ovário 2, raro 3-locular (seção *Eualchornea* Muell. Arg., da América Tropical, com apenas um representante na África); ovário 3, raro 2-locular (secção *Cladodes* (Lour.) Muell. Arg., da África e Ásia), e ovário 3-locular (secção *Stipellaria* (Benth.) Muell. Arg., da África e Ásia), de acordo com Pax & Hoffmann (1914), que é o trabalho básico sobre o gênero até o momento.

DESCRIÇÃO DA ESPÉCIE:

Alchornea fluviatilis R. Secco, sp. nov. Typus: Maranhão, Santa Inês, povoado do Bambu, rio Pindaré, 26/01/93 (bot, fl, fr), *R. Secco et al. 862* (holotypus MG, isotypi K, SPF). Paratypi: Amapá, Santana, Jaru, Igarapé do lago, 5/12/92 (bot, fl, fr), *R. Secco et al. 842* (MG, HAMAB); Pará, Parauapebas, serra dos Carajás, rio Itacaiunas, 23/03/93 (fl, fr), *R. Secco et al. 863* (MG). Amazonas, S|o Paulo de Olivença, rio Solimões, igarapé Camatiá, 27/02/77 (fr), *Prance et al. 24591* (INPA, NY); Venezuela, Estado Bolivar, Caño Pablo, bosque húmedo riparino, mayo 1982 (fl), *Morillo & Liesner 8958* (NY). Guiana Francesa, Caiena, bord de l'Aratayc, 15/02/69 (fl), *De Granville 93* (CAY); idem, haut Oyapock, Zidockville, 03/08/80 (fr), *Prevost & Grenand 912* (CAY). Figuras 1A, 2A-H.

Frutex vel arbor monóica. Folia elliptico-oblonga vel elliptico-lanceolata, pilis mollibus vestita, facie abaxiali. Inflorescentia bissexualis ramiflora,

paniculata. Ovarium (2) 3-4-5-loculare, tomentosum, stylis (2) 3-4-5, glabris. Fructus capsularis tricoccus, tetracoccus vel pentacoccus, rarius bicoccus, semine carinata.

Árvore a arbusto monóicos, 2-4m alt., as vezes com ramos rastejantes com aspecto de cipós. Ramos estriados, esparsamente lenticelosos, glabros. Folhas peninérvias. Pecíolo 2-4cm compr., com manchas avermelhadas, canaliculado, pubescente, pulvino verde claro; limbo 10-20 cm compr. x 5-8 cm larg., elíptico, elíptico-oblongo a elíptico-lanceolado, cartáceo, verde, concolor, ápice agudo a acuminado, base levemente cuneada, com um par de glândulas achatadas, margens serrilhadas, glandulosas; face abaxial com delicada camada de tricomas estrelados, domácias pilosas presentes na junção da nervura principal com as secundárias; face adaxial com raros tricomas. Nervuras proeminentes na face abaxial, promínulas a imersas na face adaxial. Inflorescência bissexuada ramiflora, 5-20cm compr., paniculada, a raque e as ramificações estriadas, com densa camada de pêlos estrelados, as flores estaminadas em maior quantidade, dispostas em fascículos com 3 brácteas, as pistiladas frequentemente isoladas, raro pareadas, sempre rodeadas por flores estaminadas. Flores estaminadas monoclamídeas, subsésseis a pedicelados (pedicelos ca. 0,5mm compr.), com 3 bractéolas ca. 1mm por flor, pilosas, os botões globosos ca. 1mm x 1mm, glabros; cálice gamossépalo, sépalas 2, ovais a orbiculares, côncavas, glabras, ca. 1,5mm compr. x 2,0mm larg.; estames 8, ca. 2mm compr., concrescidos pelas bases, formando um feixe achatado, filetes rugosos, glabros, anteras ovais, com deiscência lateral. Flores pistiladas monoclamídeas subsésseis ou pedicelos ca. 1mm, 1-3 bractéolas pilosas por flor, os botões ca. 0,5mm com 4 rudimentos de antera cor de vinho no ápice do cálice; cálice gamossépalo, sépalas 3-4, triangulares, pilosas nas margens ou apenas nos ápices, ca. 1mm compr.; ovário globoso, com esparsa camada de pêlos estrelados, 1-2mm compr., (2)3-5 locular, estiletes (2)3-5, filiformes, verdes, livres, 3-7mm compr., pilosos na face externa, glabros na face interna. Fruto cápsula (2)3-5 cocas, ca. 1-1,5cm diam., verde, com manchas cor de vinho na maturaç¦o, liso, rugoso quando seco, esparsamente piloso, glabrescente; sementes (2)3-5, ovais, ca. 0,5cm, testa carnosa, coral, lisa, tegumento interno grosseiramente muricado, ecarunculadas.

Alchornea fluviatilis é uma espécie típica de beira de rios, igapós e outras áreas alagadas da Amazônia, distribuindo-se nos Estados do Pará, Amazonas, Roraima, Amapá, Maranh¦o, no Peru, na Venezuela, Guiana e, possivelmente, Bolívia.



Estava representada nos herbários por amostras de má qualidade e quase sempre identificadas como *Alchornea discolor* Poepp. (ou *Alchornea schomburgkii* Kl.). Entretanto, observando populações naturais de *A. fluviatilis* no campo, verificamos que a mesma apresenta características morfológicas e de habitat bastante diferentes daquelas encontradas em *A. discolor*, a qual também observamos e coletamos na serra dos Carajás e no Estado do Amazonas (*Secco & Cardoso 582; Secco & Bahia 821; Secco & Coelho 800*), conforme pode ser constatado na Tabela 1.

Um detalhe interessante, observado apenas no campo (margem do rio Pindaré, Maranhão), é que as flores pistiladas de *A. fluviatilis* são bastante inconspícuas e em número bem menor que as estaminadas. Talvez por esta razão apresentem pequenas estruturas cor de vinho, ao redor do cálice, e que lembram anteras (Figura 1E, estames rudimentares). Por serem muito vistosas, essas "anterinhas" parecem desempenhar um importante papel de atração aos polinizadores, devido a inexpressividade das flores pistiladas. Com a maturação da flor (abertura do cálice e exposição do gineceu) essas estruturas secam e caem, daí supormos que sua função seja apenas a de atrair os polinizadores.

A. fluviatilis pode apresentar ramos rastejantes em alguns indivíduos, dando a impressão de enormes cipós, especialmente nas áreas mais alagadas. Assim a observamos em Macapá, consorciada com indivíduos de *Montrichardia* ("aninga", Araceae).

A espécie é conhecida pelos pescadores do rio Pindaré como "sardinheiro", devido ao fato deles utilizarem seus ramos com frutos para atrair os peixes.

Para chegarmos a um diagnóstico mais preciso sobre as diferenças entre *A. discolor e A. fluviatilis,* muito contribuiu a observação das duas espécies no campo, bem como a análise das coleções referentes à *A. discolor* estudadas, identificadas e citadas por Jablonski (1967), tais como *Ducke 446* (NY), *Fróes 20516* (NY), *Williams 14506* (NY), *Little & Little 8329* (NY) e *Spruce 1849,* esta última também estudada e citada por Pax & Hoffmann (1914).

As folhas e os frutos de *A. fluviatilis* servem para alimentação de peixes *(Rosa & Michael 5160).*



Tabela 1. Diferenças observadas entre *A. fluviatilis* e *A. discolor*.

	A. fluviatilis	*A. discolor*
Cor do pecíolo	Verde, com manchas cor de vinho	Verde, sem a característica anterior
Consistência e cor do limbo	Cartácea, verde, do mesmo tom em ambas as faces	Coriácea, a face adaxial é verde-escura; a abaxial verde-clara, com aspecto ceroso
Polimorfismo foliar	Presente	Ausente (ou raro)
Fenologia foliar	Folhas caducas no pique da floração	Folhas sem a característica anterior
Sistema sexual	Monóico	Dióico
Ovário (Figura 1D)	Com esparsa camada de pêlos estrelados	Tomentoso (aspecto ceroso, velutino)
Tamanho dos estiletes	Curtos a médios (ca. 4-7mm)	Longos (acima de 1cm, em geral variando de 1,5-3cm)
Frutos	(2)3-5 cocas	2(3) cocas
Habitat	Áreas alagadas	Geralmente em ambientes secos.



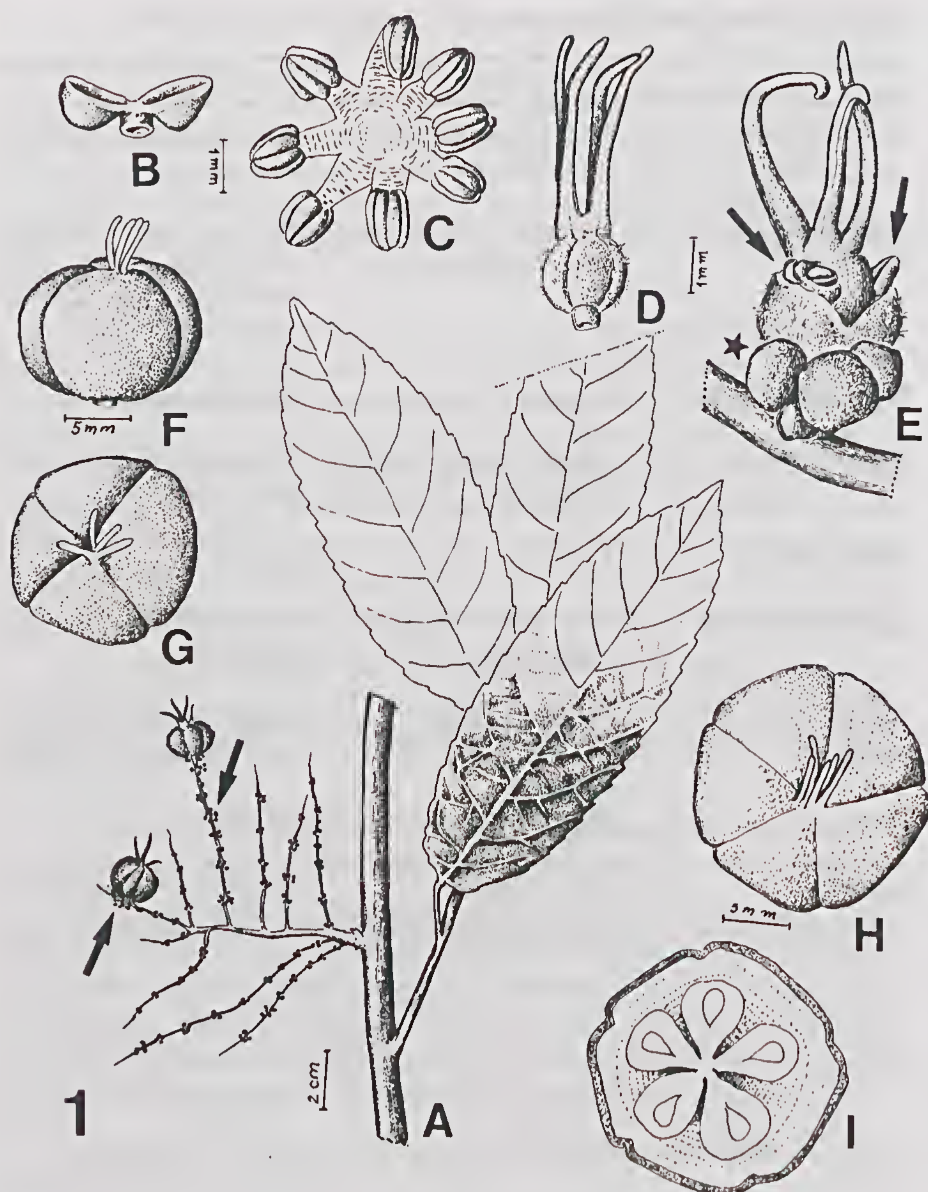


Figura 1. *Alchornea fluviatilis* R. Secco. A) Ramo com inflorescência bissexuada: as setas indicam um fruto e os botões estaminados. (*Secco et al. 842*). B) Cálice da flor estaminada. C) Androceu. D) Ovário. E) Flor pistilada com estames rudimentares (nas setas) e botões estaminados na base (ver estrela indicativa). F) Fruto com 4 cocas. G) Idem, visto de cima. H) Fruto com 5 cocas, visto de cima. I) Idem, corte transversal. (*Secco et al. 862*).

AGRADECIMENTOS

Dra. Ana Maria Giulietti, da Universidade de São Paulo (USP), que vem orientando meus estudos em *Alchornea;* ao Dr. João Murça Pires, pelo auxílio na confecção da diagnose latina; ao CNPq, pela bolsa de doutorado eoneedida (USP - quota do curso, processo nº 140450/91.2); ao bolsista Elielson Rocha, da Fundação Margareth Mee, pela ilustração da Figura 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JABLONSKI, E. 1967. Euphorbiaceae. *In*: B. Maguire & collaborators, Botany of the Guayana Highland, Part. VII. *Mem. N.Y. Bot. Gard.* 17(1): 80/-190.

PAX, F. & HOFFMANN, K. 1914. Euphorbiaceae - Acalypheae-Mercurialinae. *In*: A. Engler, *Das Pflanzenreich* IV.147. VII (Heft 63): 1-473.

Recebido em 11.06.93
Aprovado em 23.06.93

